

27/10/2015 - 05:00

## Serviços 'perdem' disputa pela renda das famílias

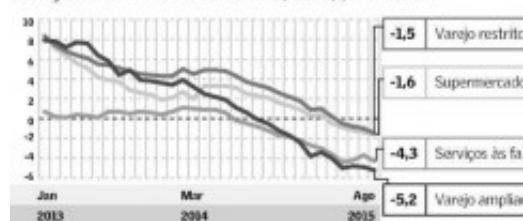
Por Denise Neumann

O aperto do orçamento familiar afetou fortemente o setor de serviços no mercado doméstico. Nos 12 meses encerrados em agosto, as famílias reduziram as idas ao cabeleireiro, manicure, restaurante, cinema e outros serviços em mais de 4% em quantidade, enquanto as empresas do setor seguiram aumentando os preços.

Na 'disputa' pela renda das famílias, esse setor sofreu mais que o varejo de bens de consumo básicos, como alimentos e produtos de limpeza e higiene vendidos nos supermercados, cujas vendas caíram 1,6% em igual comparação e também considerando quantidade.

### Para onde vai (ou não vai) a renda

Variação acumulada em 12 meses (em %), em volume



■ Quem perde mais

os dados de agosto.

Nos mesmos 12 meses em que o volume de serviços prestados às famílias encolheu mais de 4%, a inflação do setor aumentou 8,24% dentro do Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA). Como consequência, a receita nominal do segmento subiu 3,9% em igual comparação, sempre de acordo com dados da Pesquisa Mensal de Serviços (PMS), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). A PMS só começou a divulgar dados de volume (que descontam o efeito do aumento dos preços) em outubro, cuja base são

Para o economista-chefe do banco Fator, José Francisco de Lima Gonçalves, a capacidade de elevar preços no setor de serviços que atende às famílias, apesar da queda na demanda, pode resultar de menor concorrência -como é um setor com muita informalidade e feito por pequenas empresas, um pet shop fecha e o "vizinho" recebe a demanda do negócio que fechou - e de um efeito "substituição" - um cliente para de ir na lavanderia porque ficou caro, mas outra família que dispensou a empregada doméstica passa a usar esse serviço.

"Uma combinação de situações desse tipo talvez explique por que o pequeno fornecedor de serviços não perdeu capacidade de repassar aumento de preços", observa Gonçalves.

O professor da Universidade de Brasília (UnB), Jorge Arbache, observa que os dados do IBGE também mostram que a queda nos serviços oferecidos às famílias é bastante superior à retração registrada na demanda das empresas. "O ajuste das famílias chegou antes e com mais força do que no segmento empresarial", pondera ele. Para as famílias, diz Arbache, a participação dos serviços no orçamento familiar chega a 64%, em uma conta que inclui segmentos do comércio.

Para Leandro Padulla, economista da MCM Consultores, "as famílias começaram a se ajustar à piora do rendimento cortando serviços, mas conforme a situação foi piorando elas foram obrigadas a cortar os gastos com bens". No caso dos bens mais básicos, a queda na ponta está se acelerando. No bimestre julho-agosto, o volume de bens adquiridos nos supermercados caiu 3,9% em relação a igual período do ano passado, bem superior ao do acumulado em 12 meses. Em serviços, a mesma comparação mostra uma retração de 5%, apenas um pouco maior que aquela acumulada em 12 meses.

A queda na demanda das famílias por serviços, diz Arbache, começou em meados de 2014, enquanto a desaceleração no consumo de bens no varejo restrito teve início antes. "Serviços e varejo disputam a mesma renda, e a contração da demanda está sendo muito mais rápida do que a dos preços", afirma Gonçalves, do Fator, ressaltando que essa reação mais lenta da inflação não é exclusiva do setor de serviços, pois também nos supermercados, a queda está sendo comandada pelo volume.

Em parte, diz Gonçalves, a revisão para cima das projeções de inflação em 2015 e 2016 está relacionada à resistência mostrada pelos preços no setor de serviços. A expectativa, diz ele, era que o setor segurasse mais os reajustes de preços, mas a inflação dos últimos 12 meses manteve-se no mesmo patamar dos 12 meses anteriores (de setembro de 2013 até agosto de 2014, a inflação de serviços subiu 8,44%).

Para os economistas, a queda mais intensa no volume demandado de serviços é um fator adicional de preocupação na crise atual, pois é esse componente que vai se refletir no Produto Interno Bruto (PIB) do setor, como já está acontecendo ao longo deste ano e continuará em 2016, puxando toda economia para baixo. "O efeito cumulativo de queda de renda vai ampliar as perdas desse setor no próximo ano", diz Arbache. Ele projeta queda de 4% no PIB per capita deste ano e nova retração de 2,5% em 2016.

Gonçalves está revisando os dados para o PIB de 2016, mas já considera que a queda será muito mais intensa que o previsto anteriormente e o segmento de serviços tem responsabilidade nessa conta, além do investimento.

Arbache tem se dedicado ao estudo do setor de serviços e criou, em parceria com outros pesquisadores, indicadores para acompanhar melhor a evolução do setor. Ele lembra que a base da PMS são empresas com 20 ou mais funcionários, mas boa parte dos serviços prestados às famílias envolvem microempresas, com um número bem menor de empregados. "Minha percepção é que, para esse pequeno prestador de serviço a crise é ainda mais intensa", diz.

Nos indicadores produzidos por Arbache, ele separa os serviços prestados às empresas por função de custo (infraestrutura, logística, armazenamento etc.) e de valor (design, tecnologia da informação, software etc.). Os dados mostram crescimento menor na receita dos serviços que agregam valor (alta de 0,77% em julho sobre julho do ano passado e maior nos segmentos de custo (alta de 3,1% na mesma comparação). A queda é maior, analisa ele, justamente nos segmentos que ajudam outros - como a indústria, pro exemplo - a ganhar competitividade.